
O sensível no fazer persuasivo do Papa Francisco*

Rafael Alvesⁱ

Resumo: Com o avanço dos discursos de ódio, da disseminação de notícias falsas e da valorização dos interesses econômicos, mesmo nas relações interpessoais, chama a atenção a presença do Papa Francisco, que mobiliza regimes de verdade e de crença baseados na construção de um pertencimento coletivo e na adesão sensível aos valores dele. Interessa-nos compreender como esse corpo é construído tanto do ponto de vista do plano da expressão — com formas circulares — quanto do ponto de vista do plano do conteúdo — com estratégias discursivas que borram os limites entre enunciador e enunciatário, figurativizados no discurso religioso como pastor e fiéis. Articulando as cifras tensivas (ZILBERBERG, 2011) aos percursos da elipse dos regimes de interação (LANDOWSKI, 2014), o presente estudo analisa um conjunto de discursos do e sobre Francisco para compreender como a mobilização do sensível ocupa uma posição central nas estratégias do fazer persuasivo do Papa argentino. Nossa hipótese é a de que o Papa Francisco desloca a construção do sagrado como verdade dogmática para a do sagrado como vivência e partilha sensível e coletiva de uma fé que deve transformar as relações de poder na sociedade.

Palavras-chave: Papa Francisco; sociosemiótica; semiótica tensiva; autenticidade; *ethos*

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.194369>.

ⁱ Doutorando do Departamento de Semiótica e Linguística Geral da FFLCH USP, São Paulo (SP). Bolsista CAPES. E-mail: albertoalvesrafael@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1833-985X>.

Introdução

Com o avanço dos discursos de ódio, da disseminação de notícias falsas e da valorização dos interesses econômicos mesmo nas relações interpessoais, chama a atenção a presença do Papa Francisco no mundo, que mobiliza regimes de verdade e de crença baseados na construção de um pertencimento coletivo e na adesão sensível aos valores dele. Interessa-nos compreender como esse corpo é construído tanto do ponto de vista do plano da expressão — com formas circulares — quanto do ponto de vista do plano do conteúdo — com estratégias discursivas que borram os limites entre enunciador e enunciatário, figurativizados no discurso religioso como pastor e fiéis.

As formas curvas do corpo e do rosto do Papa Francisco são facilmente relacionadas à rotundidade do estereótipo do corpo dos avós e podem ser homologadas a um efeito de acolhida e familiaridade. O curvilíneo predominante no corpo de Francisco projeta a ideia de movimento e dinâmica. Essa dinamicidade contrasta com o corpo envelhecido que ele apresenta. Seu andar cambaleante e hesitante ao se apresentar como o Papa eleito para substituir Bento XVI em março de 2013 poderia ter dado, por esse aspecto envelhecido, a impressão de que os cardeais tinham optado pela manutenção das desgastadas estruturas da Cúria Romana.

Depois de sete anos do pontificado do alemão Joseph Ratzinger, eleito Papa com 78 anos de idade, teólogo pouco acostumado a interagir com multidões, havia uma expectativa de que os cardeais escolhessem alguém mais jovem. Papas eleitos com mais de 75 anos costumam ser considerados “de transição”. Os 76 anos de Jorge Mario Bergoglio não eram, no entanto, o dado mais relevante daquela eleição. Até então arcebispo da capital argentina, Francisco era o primeiro Papa da América Latina, considerado o “continente da esperança”¹ frente a uma Igreja envelhecida na Europa.

Talvez por isso o receio inicial frente ao corpo fragilizado e desgastado do novo Papa tenha se dissipado com suas primeiras palavras no balcão da Basílica de São Pedro, pronunciadas com aparente timidez num italiano errante — “Buona sera!”. Assim como um velho conhecido que saúda um grupo de amigos com sorriso fácil, Francisco se apresentava ao mundo não como o Papa, mas como o bispo de Roma, para quem havia sido confiada a missão de cuidar de um povo. Foi para esse povo, figurativizado nos fiéis que lotavam a praça de São Pedro, que Francisco se curvou para pedir uma benção quando todos esperavam dele a benção.

¹ Disponível para consulta diretamente no site do Vaticano: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070509_interview-brazil.html. Acesso em: 13 de maio de 2022.

O gesto inesperado marcava o início de um pontificado de concessões. Curvado em silêncio diante da multidão, o novo Papa revelava não apenas sua humanidade, mas também sua capacidade de se conectar sensivelmente com os fiéis. Não era o primeiro Papa com essa competência. Ex-ator de teatro e amante de esportes, João Paulo II também sabia emocionar multidões. Antes, João XXIII já havia ganhado fama por quebrar protocolos e recusar formalidades e privilégios milenares dispensados aos Papas. Mas além da novidade latina, Francisco era o primeiro Papa eleito sob os olhares atentos da internet. Duas fotografias que registram os fiéis na Praça de São Pedro à espera das eleições de Bento XVI, em 2005, e de Francisco, em 2013, dão conta de explicar a mudança pela qual o mundo havia passado nesse intervalo de oito anos: em 2013, o mar de gente que se via em 2005 fora substituído por um mar de telas de aparelhos telefônicos apontados com suas câmeras para o balcão da basílica onde o novo Papa apareceria pela primeira vez.

Amplificados e compartilhados pelas redes sociais, os gestos de Francisco ao se apresentar na Basílica de São Pedro como o novo Papa projetam o efeito do corpo de um líder que deseja caminhar ao lado dos fiéis a ele confiados. A proximidade do bispo que se curva para pedir oração e que se despede com um igualmente inesperado e banal “bom descanso” constrói o corpo frágil de um fiel. Curvado diante da multidão para pedir a benção, em frente ao ícone de Nossa Senhora ou diante de uma criança com quem brinca, Francisco tem um corpo longe do programado pelo papel temático que ele exerce. Quais características plástico-figurativas desse corpo produzem o efeito de *familiaridade* na presença do Papa? Quais procedimentos discursivos reiteram esse efeito? Francisco desloca o sagrado baseado em dogmas para o sagrado fundado no humano, repondo as verdades da fé, da ordem do transcendental, como verdades de testemunhos pessoais cotidianos.

Nossa hipótese é de que tal deslocamento constrói-se por procedimentos discursivos que passam pela sincretização actancial de um Papa que se projeta nos discursos com um “nós” não majestático, mas inclusivo. Essa astúcia (FIORIN, 1999) articula o corpo do Papa, enquanto efeito de sentido do dizer do enunciador, ao corpo dos fiéis enunciatários, persuadindo pela própria experiência vivida. Quando fala de sofrimentos e pecados, Francisco instala-se como sofredor e pecador. Quando denuncia injustiças praticadas, instala-se como praticante de injustiças.

A estratégia passa, ainda, por uma neutralização actancial — Francisco fala do Papa em terceira pessoa para ressaltar o valor institucional da função em detrimento de ostentações pessoais. Há também embreagens temporais, quando o discurso papal desloca o então da narração bíblica para o agora dos enunciatários: esses movimentos aceleram o andamento e acentuam a tonicidade da argumentação.

Para além da verdade transcendental do discurso religioso tradicional, Francisco projeta o *ethos* de uma liderança preocupada com a verdade do testemunho concreto do compromisso que a fé cristã deve ter com a transformação da sociedade. Diferentemente de outros papados que pregavam a remediação do capitalismo, agora a crítica é sistêmica e o capitalismo é apontado como causa dos problemas mais graves da sociedade.

Essa preocupação traduz-se em documentos que apresentam reflexões sobre o meio ambiente, sobre as causas da exclusão social, sobre a importância do desarmamento, o desmatamento da Amazônia ou a necessidade de combater mafiosos e financiadores de guerras. São temas com componente estésico acentuado e que ajudam a entender como Francisco usa o sensível para construir a verdade dos seus discursos. Articulado as cifras tensivas (ZILBERBERG, 2011) aos percursos da elipse dos regimes de interação (LANDOWSKI, 2014), o presente estudo analisa um conjunto de discursos do e sobre Francisco para compreender como a mobilização do sensível ocupa uma posição central nas estratégias do fazer persuasivo do Papa argentino.

Na primeira parte do artigo, analisamos o modo como a apresentação de Francisco, eleito como primeiro Papa latino em março de 2013, já projeta o que estamos propondo chamar de um *ethos* paradoxal. Em seguida, analisamos a plasticidade da sua presença, especialmente nas imagens postadas no perfil oficial do Papa no *Instagram*. Na terceira e última parte, analisamos algumas pregações proferidas por Francisco para verificar como os efeitos encontrados na plasticidade das imagens são reiterados nas estratégias discursivas.

1. Um corpo que faz sentido: *ethos* paradoxal

Os passos irregulares e a respiração ofegante deixam flagrar um corpo aparentemente frágil do Papa Francisco.² Não seu corpo ontológico, aquele do sujeito que habita o mundo e tem uma biografia, mas o simulacro do seu corpo discursivo, tomado aqui nos aspectos expressivos e figurativos. Interessa a presença desse corpo enquanto efeito das relações estabelecidas no tempo-espaço do vivido nos enunciados analisados, conforme sugere Landowski (2012, p. 69), relações essas que constroem a pessoa do discurso, o “eu” que fala, e forjam interações mais ou menos arriscadas (LANDOWSKI, 2014).

Corpo também compreendido como “configuração perceptiva” (ZILBERBERG; FONTANILLE, 2001, p. 124) em torno da qual se delimita um campo de presença, modulado pela força da oscilação entre o inteligível e o sensível (ZILBERBERG, 2011). Trata-se, além disso, de uma presença vinculada ao papel temático do Papa como ator social contemporâneo, papel regulado pela axiologia do campo religioso em que está implicado.

² Vídeo analisado disponível em: <https://bit.ly/2ROJyHM>. Acesso em: 13 de maio de 2022.

Falamos, portanto, do corpo do enunciador, compreendido na relação pressuposta do sujeito complexo de uma enunciação narrativizada e cuja práxis engloba as situações sociais e interacionais como “contexto semiótico” (LANDOWSKI, 1992, p. 171). Corpo homologado à noção de *ethos*, conforme os estudos de Discini (2015), que inclui a problemática da tensividade nos questionamentos sobre o estilo do ator da enunciação.

Como Papa, Francisco não deixa de ter um corpo programado, inscrito em uma regularidade (LANDOWSKI, 2014). Exercendo uma função com tradição que remonta a escolha de Jesus pelo apóstolo Pedro para chefiar o primeiro grupo dos discípulos, Francisco carrega consigo marcas temático-figurativas isotópicas desse papel. São elementos que *têm sentido* e que devem ser *lidos*³ pelos destinatários, como por exemplo a cruz peitoral repleta de símbolos ligados ao pastoreio.

O próprio sentido de cruz é sedimentado — como Jesus, que se entregou à morte na cruz, o Papa leva a cruz no peito como sinal de pertença à fé em Jesus. A batina branca que cobre o corpo do Papa é igualmente simbólica da função exercida. Todo o ritual de apresentação de um novo Papa está prescrito por leis e documentos da Igreja que preveem todos os detalhes do que deve acontecer entre a escolha de um dos cardeais para ocupar o mais alto posto na hierarquia católica até a aparição do eleito no balcão da Basílica de São Pedro. No discurso que proferiu ao ser apresentado como novo Papa, Francisco chamou a atenção ao inverter a lógica esperada — ao invés de abençoar o povo que aguardava na Praça São Pedro, ele se curvou e pediu, antes, a bênção.

O semioticista Franciscu Sedda, da Università di Cagliari (Itália), ao analisar esse discurso, destacou o fato de o Papa ter errado gramaticalmente o italiano. Francisco usou uma expressão que, traduzida literalmente, seria como se ele estivesse pedindo que o povo rezasse em cima dele — [...] “*a oração do povo pedindo a bênção para o seu Bispo. Vamos fazer em silêncio esta oração de vocês sobre mim*”.⁴ (2017, tradução nossa).⁵ Segundo Sedda, a imperfeição linguística de “*voi su di me*” tem um papel importante na explicação geral sobre como se deve perceber o novo Papa — a incorreção gramatical “[...] resume em si o valor de um gesto que vai além da inversão da hierarquia, da inversão de posições entre o Papa e o povo” (SEDDA, 2017, p. 59, tradução nossa).⁶

³ *Ter e fazer sentido* são dois modos de construção do sentido propostos por Eric Landowski em textos como “Viagem às nascentes do sentido”, capítulo do livro *Corpo e sentido*, organizado por Ignacio Assis Silva em 1996. Dizem respeito ao modo como os sujeitos depreendem o sentido: pela cognição nos objetos que *têm* um sentido, ou pela sensibilidade nos objetos que *fazem* sentido na interação em ato.

⁴ Disponível em <https://bit.ly/3Aqtf5v>. Acesso em: 13 de maio de 2022. Na tradução oficial para o português, o Vaticano corrigiu a frase.

⁵ “[...] *la preghiera del popolo chiedendo la benedizione per il suo Vescovo. Facciamo in silenzio questa preghiera di voi su di me*”.

⁶ “*riassume in sé il valore di un gesto che va al di là dell’inversione della gerarchia, del ribaltamento delle posizioni fra Papa e popolo*”.

No documento de estudos do CPS “*Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa*”,⁷ Landowski fornece as bases com as quais desenvolveria o regime do *ajustamento* a partir da articulação dos conceitos de *contágio* e *estesia*. No artigo, o semioticista explica que:

[...] em outras circunstâncias e lugares, no teatro por exemplo, podemos ver grupos inteiros de sujeitos patêmicos rindo ou chorando em um mesmo elã, emudecendo juntos de surpresa ou tremendo de medo, comungando por um momento da mesma alegria ou do mesmo desespero figurado diante deles por meio do discurso e do corpo dos atores na cena. Experiência estética e estética partilhada, a participação no ato dramático instaura então uma comunidade viva entre os espectadores, fundada em uma proximidade sentida que une os corpos-sujeitos (LANDOWSKI, 2005, p. 36-37).

Ao curvar-se e pedir a bênção dos fiéis que esperavam a bênção dele, Francisco instala-se sensivelmente no campo de presença dos seus enunciatários, que são desafiados a assumir a “voz” do discurso no gesto de abençoar. Cria-se um impacto ascendente que provoca surpresa. O que se vê, então, é o emudecimento da multidão, como prevê Landowski. Não é mais uma relação mediada. Eles não estão apenas manipulados pelo pedido do Papa. Os corpos de enunciador e enunciatário estão articulados na interação, produzindo um novo sentido em ato.

Essa interação, cuja tonicidade e o andamento crescem na mesma medida em que se desenrolam o tempo e o espaço, é da ordem da concessão tensiva, numa curva conversa do gráfico, e pode ser percebida como um *ajustamento* na perspectiva sociosemiótica. Apesar de a semiótica tensiva considerar a concessão no gráfico inverso, propomos que a concessão está justamente no fato de o Papa engendrar relações conversas quando o esperado é que elas sejam inversas — quanto mais sensível, menos inteligível, por exemplo. Com sua capacidade de *se fazer entender à medida em que se faz sentir*, Francisco propõe relações tão sensíveis quanto inteligíveis.

⁷ Capítulo VI do livro *Passions sans nom*, intitulado “*En deçà ou au-delà des stratégies, la présence contagieuse*”.

Figuras 1 e 2 - Frames do vídeo da primeira saudação do Papa Francisco, logo após ser eleito em março de 2013, mostram o momento em que o novo Papa se curva e pede uma bênção aos fiéis, que se *ajustam* sensivelmente ao corpo do pontífice. Cria-se uma "inteligência sensível" entre os dois sujeitos (Papa e fiéis), aumentando na mesma proporção a inteligibilidade e a **sensibilidade** tônica da interação.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=4-u76WYRtYU>. Acesso em 29 out. 2022.

O *ethos* de Francisco é apreendido pelos fiéis como construção racional (com suas prescrições institucionais) e como sensibilidade (com suas capacidades de *fazer* o outro *sentir*). Ritual, paramentos e objetos simbólicos representativos da Igreja Católica, como a cruz à frente da procissão que se vê na abertura das cortinas, bem como a corporeidade e os gestos próprios de Francisco, não são elementos pré-discursivos, mas o próprio discurso que *tem* e *faz* sentido para seus enunciatários. Eis a presença que se realiza em cada gesto de Francisco e no conjunto deles, e se dá a ver, enquanto se dispõe de modo próprio diante dos enunciatários, que desempenham, como actante coletivo, o papel de cúmplice de Francisco, tal como favorecido pelo comportamento papal.

É semiotizando esse contexto enunciativo e recortando-o como *situação* relevante (LANDOWSKI, 1992, p. 150) que se deve olhar para o senhor de passos frágeis e vestido inteiramente de branco que se revela por detrás das cortinas vermelhas colocadas no balcão da Basílica de São Pedro em março de 2013. Já aí, Francisco rompe com o programa do rito — se dispensa de fazer sua primeira aparição portando por sobre os ombros a estola (símbolo do poder de um sacerdote) usada por seus antecessores. Veste o paramento apenas na hora de conceder a bênção, retirando-o logo depois para concluir sua saudação. Ele também não usa a murça (espécie de sobrecapa que cobre parte dos ombros). Com essas escolhas, reforça a oposição semântica entre simplicidade e luxo, euforizando o simples. Rompendo a rotina, Francisco ressemantiza o mundo (GREIMAS, 2002).

Figuras 3, 4, 5 e 6: Registros das primeiras saudações dos Papas Francisco (2013), Bento XVI (2005), João Paulo II (1978) e João Paulo I (1978).



Fonte: Figura 3 disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/momentos-do-papa-francisco-argentino-que-chegou-ao-vaticano-7829450>. Acesso em: 23 mai. 2022. Figura 4 disponível em <https://sumateologica.wordpress.com/2013/02/11/palavras-do-padre-paulo-ricardo-sobre-a-renuncia-do-papa-bento-xvi/>. Acesso em 23 mai. 2022. Figura 5 disponível em: <https://psjpii.org/portfolio/habemus-papam/>. Acesso em 23/5/2022. Figura 6 disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fFvBnx_DTg8. Acesso em: 23 mai. 2022.

A isotopia da simplicidade ecoa também nos componentes gestual e verbal dessa primeira saudação de Francisco. Depois de caminhar com dificuldade e recorrer à ajuda de dois auxiliares para subir no que parece ser uma pequena plataforma que o elevava no balcão, o Papa argentino acena com moderação para os fiéis na praça. São gestos que não demonstram qualquer triunfalismo ou expressão de vitória, mas apenas uma saudação tímida. Ele recorda, então, “[...] que o dever do Conclave era dar um Bispo a Roma”, e brinca que os “irmãos Cardeais” foram “buscá-lo quase ao fim do mundo”.⁸

Ele não se apresenta como Papa, como líder religioso ou chefe de Estado, mas como mais um bispo entre seus “irmãos cardeais”. “A comunidade diocesana

⁸ Disponível para consulta no site do Vaticano em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html. Acesso em: 23 de maio de 2022.

de Roma tem o seu bispo”, diz. De fato, o Papa é o bispo responsável pela Arquidiocese de Roma, mas, ao destacar esse título, Francisco diminui a importância em torno da autoridade que passava a representar. “[...] Iniciamos este caminho, bispo e povo... este caminho da Igreja de Roma, que é aquela que preside a todas as Igrejas na caridade”, afirma, reforçando que sua precedência é “na caridade”.

No primeiro discurso, Francisco reforça o aspecto mais local de sua missão. “Espero que este caminho de Igreja, que hoje começamos e no qual me ajudará o meu Cardeal Vigário, aqui presente, seja frutuoso para a evangelização desta tão bela cidade”. Projeta-se um corpo que tenciona a *inteligibilidade* e a *regularidade/implicabilidade* do papel temático de sumo pontífice e uma *sensibilidade* e uma *concessividade* do bispo e, mais concessivo, do próprio fiel cujo corpo é assumido pelo Papa.

2. Autenticidade e familiaridade

Em *Presenças do outro*, Landowski dedica um capítulo ao estudo das formas de popularidade dos políticos. No texto, ele procura compreender a “complexidade do que determina nosso modo e nosso grau de adesão ao político” (LANDOWSKI, 2012, p. 188). O semiótico argumenta que, mais do que se fazer conhecido, o político precisa “mostrar-se aberto a todos”, apresentando-se “para o maior número possível sem a máscara profissional” (LANDOWSKI, 2012, p. 188).

No Papa Francisco, esse efeito de familiaridade pode ser percebido desde o plano da expressão do corpo do Papa, marcado por formas circulares. O corpo de Francisco apresenta circularidades irregulares que projetam uma dinamicidade e uma intimidade bastante características de uma percepção geral sobre o estereótipo latino. Na fotografia oficial que apresenta o Papa no site do Vaticano (ver Figura 7), Francisco deixa-se ver sorrindo, num corpo relaxado e em movimento. Mesmo seus ombros são predominantemente circulares, o que o impõe como um corpo que pode ser sentido com leveza.

Figura 7: Fotografia oficial do Papa Francisco.



Fonte: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt.html> Acesso em: 29 abr. 2022.

A posição de Francisco também não é a do retrato oficial, mas a de um “flagrante delito” (LANDOWSKI, 2004). A fotografia parece captar um momento em que o Papa, caminhando, saúda alguém. Essa espontaneidade do flagrante reitera um efeito de autenticidade de Francisco, pois, como propõe Landowski, esses ângulos pouco habituais criam um efeito de que essas autoridades aparentemente distantes são “de verdade” (LANDOWSKI, 2004, p. 45).

Em estudo sobre a autenticidade construída em fotografias postadas por políticos no *Instagram*, Paolo Demuru explica que a rotundidade na cultura italiana remete a “significados ligados ao afeto e ao carinho paterno” (DEMURU, 2020, p. 223). O modo de estar presente do Papa nos diversos eventos reiteram essa proximidade do afeto e do carinho paterno. Como apontam estudos de Ana Claudia Oliveira, essa presença rítmica das circularidades do corpo do Papa suplanta aquelas estetizadas e racionalizadas pelo seu posicionamento hierárquico. O corpo de Francisco sensibiliza pela estesia e produz sentido em ato (OLIVEIRA, 2021, p. 119-149).

Esse *ethos* paradoxal que põe em relação o papel temático “Papa” e o papel crítico do imprevisto (LANDOWSKI, 2014, p. 79), também se constrói institucionalmente, por exemplo, nas postagens que a conta do Papa Francisco faz no *Instagram* (@franciscus). Ao falar sobre a “Presença do Papa Francisco” durante o XVII Colóquio do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS), Paolo Peverini classificou três tipos de imagens no perfil do Papa: as imagens-símbolos, as imagens documentos e as imagens emocionais. Nos interessa em particular as imagens emocionais, que o semioticista caracteriza como aquelas que “vão além da compreensão racional dos acontecimentos para representar mais claramente a dimensão das paixões”.⁹

Estendendo a compreensão dessas imagens emocionais, acrescentamos como critério para o nosso recorte aquelas imagens em que o Papa aparece claramente tocando o corpo de seus enunciatários, simulados no discurso institucional como interlocutários. São imagens que dão a ver o Papa em constantes “flagrantes” de gestos carinhosos e afetuosos com fiéis e autoridades que ele encontra nas mais variadas situações. São exemplares dessas imagens das quais quase se pode sentir o sentir do Papa aquelas em que ele toca e abraça doentes em estado avançado de feridas no corpo.

Também são exemplares aquelas fotografias em que Francisco beija e se deixa beijar por crianças e idosos. O corpo frágil, que naquela aparição inicial pós eleição poderia ter projetado um sentido de antiquado, homologa-se a um efeito de ancestralidade familiar. Ao ver essas imagens, tem-se a sensação de que o Papa é alguém da família com que se deseja estar para receber aquele carinho.

Figuras 8, 9 e 10: Postagens do perfil oficial do Papa Francisco no *Instagram* reiteram, institucionalmente, o *ethos* do pontífice argentino que faz sentir o outro.



Fonte: <https://www.instagram.com/franciscus/?hl=pt-br>. Acesso em: 23 de maio de 2022

⁹ PEVERINI, Paolo. *A presença do Papa Francisco*. Anotações pessoais a partir de palestra oral proferida via Google Meet, no dia 1 de dezembro de 2021, durante a realização do XXVII Colóquio do CPS.

Nas imagens acima, o traço comum é o tocar do Papa — cumprimentando idosos durante a audiência geral ou tocando uma imagem de Nossa Senhora, Francisco tem seu *ethos* reiterado por esse discurso institucional do seu perfil oficial no *Instagram*. Topologicamente, o Papa sempre ocupa um lugar central, para onde nosso olhar imediatamente se direciona. Nessas imagens, mais do que a projeção da oficialidade da função que exerce, o que se destaca é a projeção de um *ethos* de líder que, pelo modo como interage, tem capacidade de sentir o sentir do outro. Pela qualidade das imagens e a astúcia da enunciação que nos coloca como testemunhas próximas daquele encontro flagrado, também nós sentimos essa presença contagiosa de Francisco.

Outra característica de Francisco que reitera seu corpo como produtor de regimes cuja sensibilidade rege a interação é a constante quebra de protocolos que o Papa argentino faz acontecer. No dia 6 de dezembro de 2021, quando retornava de uma viagem à Grécia, visivelmente incomodado com a pergunta de uma repórter sobre a demissão de um Cardeal que estaria envolvido em escândalos sexuais, o Papa se curvou e, devolvendo a pergunta para a jornalista, pôs o microfone direcionado para ela. Diferentemente do corpo curvado em março de 2013 para aguardar a bênção do povo, aqui o corpo curvado impõe um efeito de confronto. Mas, de novo, a rotundidade predominante do corpo de Francisco segue reiterando não o confronto, mas o diálogo.

Figura 11 - Francisco devolve microfone a jornalista que o perguntou sobre renúncia de cardeal envolvido em polêmica sexual.



Fonte: Vatican News. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/photogallery/pt/eventi/cipro-grecia2021.html>. Acesso em: 23 mai. de 2022.

No nível discursivo, a jornalista pergunta ao Papa por que ele acolheu “tão rapidamente” a renúncia do referido Cardeal. Francisco devolve o microfone à jornalista e comenta: “Quanto à primeira questão, sobre o caso Aupetit, eu mesmo me interrogo: Que fez Aupetit de tão grave para ter que apresentar a demissão? Que fez ele? Alguém me responda...”. A jornalista responde que não sabe e Francisco insiste, estendendo a pergunta a todos os outros jornalistas do voo: “Se não conhecemos a acusação, não podemos condenar. Qual foi a acusação? Quem sabe?”. Diante do silêncio, Francisco desabafa: “É triste...”.¹⁰ Essa inversão dos papéis entrevistador entrevistado faz flagrar Francisco em mais uma estratégia de produzir um efeito de autenticidade. Com o corpo curvado diante da jornalista, ele apela para que os repórteres sintam com ele o peso que uma acusação tão grave tem.

Em outro flagrante de espontaneidade, o Papa confidenciou, também diante de jornalistas no retorno de uma viagem realizada em 2015, que socaria alguém que ofendesse sua mãe, ao comentar os atentados que o jornal francês Charlie Hebdo recebeu após publicar charges satíricas com a imagem de Maomé. Mesmo condenando os ataques, que mataram doze pessoas na redação do jornal, a fala causou polêmica ao aparecer, para alguns, como justificativa para a violência praticada contra o semanário. Do ponto de vista semiótico que nos interessa, a afirmação de que o Papa iria socar quem ofendesse sua mãe, ao invés da exortação mais esperada de que é preciso dar a outra face diante da ofensa de alguém, projeta mais uma vez a humanidade de Francisco.

Como qualquer outra pessoa, o Papa não faz uma pregação de aceitação das ofensas, mas confessa que socaria quem ofendesse sua mãe. Essa é mais uma passagem exemplar de como Francisco se constrói com autenticidade e familiaridade muito mais do que com o peso da autoridade do seu cargo. A fala foi acompanhada da gestualidade que simula um soco no ar, reiterando esse caráter espontâneo e dinâmico do corpo do Papa.

¹⁰ Transcrição oficial do Vaticano, disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/december/documents/20211206-grecia-volodiritorno.html>. Acesso em: 13 de maio de 2022.

Figura 12 - Francisco simula um soco no ar ao confessar que socaria quem ofendesse sua mãe. Gestualidade espontânea ajuda a reiterar a presença do Papa como uma presença autêntica e familiar.



Fonte: Disponível em

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2015/01/16/interna_mundo,466733/papa-francisco-diz-que-daria-um-soco-em-quem-ofendesse-sua-mae.shtml. Acesso em: 23 mai. de 2022.

3. Estratégias e procedimentos discursivos: sentir com o outro

Após termos sobrevoado a construção do corpo do Papa Francisco a partir das suas primeiras aparições públicas e de termos analisado aspectos sobretudo do plano da expressão e da plasticidade da sua presença, olharemos agora para algumas estratégias e procedimentos discursivos que reiteram o corpo do Papa como produtor de regimes de verdade fundados no sentir o sentido do outro.

A missa é um programa narrativo central do catolicismo no qual o padre/bispo (ou o Papa) tem um papel fundamental, pois é nela que “desempenham o seu múnus principal” (DIREITO CANÔNICO, 1998, p. 407). Não era comum, até Bento XVI, que o Papa celebrasse a missa diariamente de maneira pública e midiaticizada. As celebrações diárias de um Papa tinham caráter privativo, da ordem do exclusivo, num programa marcado pela *triagem* (ZILBERBERG, 2004). Antes mesmo da celebração que marcou o início de seu governo, Francisco presidiu duas missas públicas que foram amplamente divulgadas pela mídia.

Depois da posse, o pontífice argentino passou a celebrar diariamente na capela da Casa Santa Marta — espécie de hotel de cardeais que se tornou, com Francisco, a residência oficial do Papa. Ainda que restrita a um grupo pequeno de fiéis, essas missas diárias figurativizam a possibilidade concreta de participação de qualquer pessoa na missa do Papa, que, neste âmbito, passa a operar por um simulacro de *mistura*. Apesar de não permitir, antes da pandemia

do coronavírus, que elas fossem transmitidas na íntegra, as celebrações diárias presididas por Francisco mudaram até o modo de a imprensa internacional ter acesso ao pensamento do Papa.

Se antes era necessário esperar as duas falas semanais — na audiência geral (às quartas-feiras) e no *Ângelus* (aos domingos) — ou nalguma celebração solene menos regular (Páscoa, *Corpus Christi* etc.), as missas diárias na capela Santa Marta passam a oferecer aos jornalistas falas cotidianas do Papa sobre os mais variados assuntos. Ainda que essa regularidade tendesse a diminuir a intensidade dessas aparições, trata-se sempre do Papa, cuja presença, para os fiéis católicos (enunciatórios previstos do seu discurso), impõe-se, de antemão, como muito tônica, uma vez que ele representa, para além da instituição, o elo de mediação com a divindade.

Pelas regras ritualísticas próprias à organização semiótica da missa, gênero englobante, a homilia é o gênero discursivo, englobado, em que se encontram o corpo e a voz do Papa Francisco com os contornos mais bem delimitados. É do conjunto das homilias que emana o fazer do papel temático do Papa, um papel regulado, mas também regulador. Prescrito, logo programado, entretanto também programador.

No entanto, como veremos, o apelo sensível que perpassa a condição discursiva de Francisco não deixa de estar presente, em menor grau, em reflexões que rompem com os programas estabelecidos e invertem a implicabilidade suposta. Nas pré-condições de assunção desses discursos, tonicidade e andamento recebem leves acentuações que se projetam narrativamente em interações que oscilam entre pequenos ajustamentos e aberturas para a aleatoriedade do crer. Vislumbra-se um ritmo — o papel temático, que diz respeito à actancialização de temas vinculados à disciplina católica do pensamento, alinha-se a uma ruptura estésica devido ao modo de ser do Papa (modo de ser que se reconhece pela maneira de falar, de vestir-se e de comportar-se peculiares de Francisco).

Um dia após ser eleito Papa, em 14 de março de 2013,¹¹ Francisco celebrou uma missa com os cardeais na capela Sistina — local em que se realizam as votações do Conclave. O Papa destacou na homilia a temática do movimento que, segundo ele, havia sido explorada nos três textos bíblicos proclamados naquela missa (primeira e segunda leituras, sempre tiradas do Antigo Testamento, e excerto de algum dos evangelhos, do Novo Testamento). Diz o Papa:

Vejo que estas três Leituras têm algo em comum: é o movimento. Na primeira leitura, o movimento no caminho; na segunda Leitura, o movimento na edificação da Igreja; na terceira, no Evangelho, o movimento na confissão. Caminhar, edificar, confessar (FRANCISCO, 2013b).

¹¹ Homilia disponível em: <https://bit.ly/3gu46hg>. Acesso em: 13 de maio de 2022.

Por anáforas que retomam ao longo do nível discursivo o caminhar, o edificar e o confessar como figuras do “movimento”, o enunciador papal opera um procedimento comum nas homilias — passa da isotopia própria do texto bíblico (tônico e inapreensível) para a isotopia da vida cotidiana (em tese, átona e apreensível).

É importante recordar que se trata da primeira missa de Francisco com os cardeais que o elegeram Papa, apenas um dia após a sua eleição e antes mesmo de sua posse. Os enunciatários-fiéis estão actancializados e figurativizados como cardeais, função da mais alta hierarquia católica. Projeta-se o *ethos* programado do líder religioso. Programado, mas não absolutamente. Pelo modo de dizer, temos indicações de um sujeito que veste o papel institucional, mas que se mantém na ordem do ajustamento ao outro. E a reflexão feita no nível do enunciado é uma reflexão sobre a própria identidade daquela Igreja que o argentino estava assumindo.

Tanto assim que, na sequência da homilia, os problemas da Igreja enquanto instituição são figurativizados como “[...] abalos, [...] movimentos que não são os movimentos próprios do caminho, mas movimentos que nos puxam para trás” (FRANCISCO, 2013b). É preciso que esses contra-programas não prevaleçam sobre o programa, e a prescrição do enunciado papal é a recomendação de olhar para o Evangelho para encontrar o testemunho do apóstolo Pedro, que confessou Jesus com palavras e sem a cruz.

Ainda que a tradição da Igreja considere os bispos sucessores dos discípulos e o Papa sucessor do apóstolo Pedro, a voz instalada pelo enunciador relativiza essa autoridade. No enunciado da homilia, se depreende o simulacro de um sujeito que diz que a Igreja não pode caminhar nem edificar sem a cruz, bem como sem confessar Cristo, pois “[...] não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos bispos, padres, cardeais, papas, mas não discípulos do Senhor”. O tema da autoridade do Papa será retomado na homilia da missa da posse de Francisco.

A homilia de 14 de março é finalizada com a projeção de um desejo do novo Papa:

Eu queria que, depois destes dias de graça, todos tivéssemos a coragem, sim, a coragem, de caminhar na presença do Senhor, com a cruz do Senhor; de edificar sobre o sangue do Senhor, que é derramado na Cruz; e de confessar como nossa única glória Cristo Crucificado. E assim a Igreja vai para diante (FRANCISCO, 2013b).

Aparentemente, é um tom de voz institucional e, portanto, perfectivo, num corpo acabado e regulado, acentuado na extensidade da tensão entre identidade e alteridade — prevalecendo a identidade do catolicismo. Mas há um desvio! O uso do pretérito imperfeito (“eu queria”) no lugar do presente é uma embreagem temporal que cria efeito de humildade na voz. Apesar do lugar institucional

preservado, Francisco desfaz o tom propriamente institucional, por meio do qual a voz papal tinha de ser registrada por meio de uma assimetria de lugares — o Papa, sempre no alto, o ouvinte, em lugares inferiores. “Eu queria” desestabilizar essa lógica.

Na missa de início do pontificado de Francisco, realizada no dia de São José, 19 de março de 2013, aparecem na homilia temáticas que atuam com regularidade na construção do *ethos* do Papa. O *ethos* de Francisco é tangenciado por um posicionamento social claro. Com autoridades civis presentes entre os fiéis, o enunciador papal maneja no discurso a estratégia de estabelecer um paralelo entre a situação enunciativa narrada numa leitura bíblica (Herodes, que manda matar as crianças) e a situação enunciativa vivida pelos seus enunciatários — “Infelizmente, em cada época da história, existem ‘Herodes’ que tramam desígnios de morte, destroem e deturpam o rosto do homem e da mulher”. Instalando o enunciatário no enunciado, o “nós” discursivo faz um pedido diretamente aos que “ocupam cargos de responsabilidade em âmbito econômico, político ou social”, sem deixar de expandir o mesmo pedido “a todos os homens e mulheres de boa vontade”:

Sejamos “guardiões” da criação, do desígnio de Deus inscrito na natureza, guardiões do outro, do ambiente; não deixemos que os sinais de destruição e morte acompanhem o caminho deste nosso mundo! Mas, para “guardar”, devemos também cuidar de nós mesmos. Lembremo-nos de que o ódio, a inveja, o orgulho sujam a vida; então guardar quer dizer vigiar sobre os nossos sentimentos, o nosso coração, porque é dele que saem as boas intenções e as más: aquelas que edificam e as que destroem. Não devemos ter medo de bondade ou mesmo de ternura (FRANCISCO, 2013c).

O trecho citado é marcado por uma série de gestos que acentuam o sentido do que está sendo dito.¹² Quando Francisco reforça que o “guardar” deve estar ligado ao cuidado de “nós mesmos”, vê-se o Papa desviar o olhar das folhas que estão sob o púlpito, nas quais ele lê o texto da homilia, para os fiéis presentes na praça. Flagramos, então, a intensificação da presença do corpo sensível do Papa ao vê-lo aumentar o tom da voz e o gesto enquanto pronuncia a frase: “Não devemos ter medo de bondade, ou mesmo de ternura” (FRANCISCO, 2013c). Os fiéis apreendem esse aumento de intensidade do discurso e ajustam-se ao corpo do Papa, reagindo com aplausos. Há um pequeno instante em que os limites dos papéis actanciais se borram e emerge o sensível na experiência do sentir o sentir do outro.

Esboça-se uma “inteligência do sensível” (LANDOWSKI, 2014, p. 47), que pode ser compreendida também a partir do quadro de uma correlação conversa do gráfico tensivo — ao mesmo tempo em que vai se dando a conhecer

¹² Vídeo da homilia disponível em: <https://bit.ly/3cEqDGX>. Acesso em: 13 mai. de 2022.

inteligivelmente, o Papa projeta sua “competência estética” (LANDOWSKI, 2014, p. 50) e contagia reativamente seus enunciatórios. Tal contágio não se concretiza plenamente no exemplo ora analisado, mas já aponta para a possibilidade de apreensão do que a tensiva vai propor como “utopia” (ZILBERBERG, 2011, p. 69) ou como “valores de apogeu” (ZILBERBERG, 2015, p. 66). Vemos aí um paralelismo entre o regime do ajustamento e a correlação inversa do gráfico tensivo.

Francisco reforça esse posicionamento enunciativo ao refletir sobre a abrangência da posição de autoridade que estava assumindo, começando por reconhecer-se dono de um poder: “[...] celebramos o início do ministério do novo Bispo de Roma, Sucessor de Pedro, que inclui também um poder”. Poder explicitamente figurativizado no papel temático de “Sucessor de Pedro”. O Papa, porém, faz uso de uma embreagem actancial, com a neutralização da oposição entre o “eu” que fala e o “ele” de quem se fala. Francisco é o “bispo de Roma” e o “sucessor de Pedro” e, portanto, está usando a terceira pessoa no lugar da primeira. Tal procedimento projeta um enunciador que se esvai “de toda e qualquer subjetividade” e se apresenta “apenas como papel social” (FIORIN, 1999, p. 86). No caso de Francisco, tal uso cria o efeito de distanciamento desse poder, que se projeta mais como compromisso institucional do que como apego pessoal.

Em seguida, o novo Papa recorda que “é certo que Jesus deu um poder a Pedro”, mas imediatamente faz uma pergunta retórica: “Mas de que poder se trata?” (FRANCISCO, 2013c). No raciocínio de Francisco, como sucessor de Pedro, o Papa também é questionado três vezes por Jesus sobre o amor que nutre pelo mestre,¹³ questionamento seguido, segundo ele, por um convite: “apascenta meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas” (FRANCISCO, 2013c). A inclusão desse desencadeador de uma nova isotopia neste discurso, a do serviço do pastor de ovelhas, é estratégica e prepara o terreno para a tese central de Francisco sobre a questão: “Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é serviço, e que o próprio Papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais naquele serviço que tem o seu vértice luminoso na Cruz”.

Francisco figurativiza, então, o poder do Papa como um dever e se põe na posição não de Pedro, mas de José, carpinteiro pobre:

[O Papa] deve olhar para o serviço humilde, concreto, rico de fé de São José e, como ele, abrir os braços para guardar todo o Povo de Deus e acolher, com afeto e ternura, a humanidade inteira, especialmente os mais pobres, os mais fracos, os mais pequeninos, aqueles que Mateus descreve no Juízo final sobre a caridade: quem

¹³ Os três evangelistas abordam o episódio em que Pedro é questionado por Jesus sobre seu amor por ele. Mesmo declarando fidelidade incondicional ao mestre, o discípulo é advertido de que negará Jesus por três vezes antes daquele dia terminar. Em João 21, 15-17 está explicitado o diálogo. (BÍBLIA, 2010, p. 1339-1340)

tem fome, sede, é estrangeiro, está nu, doente, na prisão (cf. Mt 25, 31-46). Apenas aqueles que servem com amor capaz de proteger (FRANCISCO, 2013c).

Antes ele já havia falado sobre São Francisco de Assis, inspiração para a escolha do seu nome como Papa. O exemplo do santo, na opinião dele, ajuda a entender a necessidade de cuidar do mundo como casa comum não como uma vocação exclusiva dos cristãos, mas que tem “[...] uma dimensão antecedente, que é simplesmente humana e diz respeito a todos” (FRANCISCO, 2013c). A frase é acompanhada por um gesto que reitera o sentido englobante de “todos”. Olhando para os fiéis presentes na praça, Francisco sinaliza a amplitude da tarefa, especificando-a: “guardar a criação inteira, a beleza da criação, como se diz no livro de Gênesis” e “ter respeito por toda criatura de Deus e pelo ambiente onde vivemos” (FRANCISCO, 2013c). Um “cuidar” expansivo, mas que se figurativiza especialmente na atenção “das crianças, dos idosos, daqueles que são mais frágeis e que, muitas vezes, estão na periferia do nosso coração” (FRANCISCO, 2013c).

O dêitico da primeira pessoa do plural aparece de novo não como sujeito majestático, muito usado por Papas, mas como sujeito englobante — sempre que usa o “nós”, Francisco se coloca em posição equivalente à do fiel para quem ele está pregando. É por isso que seu pedido tem mais força persuasiva, pois emana do discurso um corpo que sente o que o corpo do seu enunciatário está sentido — o Papa também tem “periferias do coração”, e igualmente precisa cuidar para que os mais frágeis e os que mais precisam da sua caridade não sejam esquecidos lá.

Considerações finais

Pela plasticidade de um corpo que faz sentido na interação com os corpos dos fiéis, o Papa Francisco projeta o *ethos* de uma liderança religiosa que testemunha o sagrado como partilha e vivência coletiva e sensível da fé. Como podemos observar nas análises, a estratégia de adesão aos valores do Papa passa pela sua presença sensível, produtora de uma estesia que, articulada com outros formantes do plano da expressão, impõe-se antes mesmo da leitura racional de que se trata, afinal, do Papa.

Além dessa presença contagiosa, Francisco constrói-se como autêntico e, ao mesmo tempo, familiar, deixando-se flagrar na espontaneidade de momentos em que quebra protocolos para se fazer sentir por crianças, idosos e doentes com quem encontra no caminho. Os gestos de ruptura institucional de Francisco aceleram a apreensão da sua presença enquanto presença que faz sentido. Como vimos, a inversão de papéis ou a sua confissão de que nem sempre é possível dar

a outra face para bater são exemplares desse modo de persuasão que tem o sensível como núcleo principal.

Para além das estratégias discursivas também analisadas e que apontam para a reiteração desses efeitos de sentido, é desafio da semiótica compreender como uma instituição conservadora como a Igreja Católica conseguiu se renovar a partir de uma liderança que, como vimos, projeta um rosto institucional menos exigente e mais humano ainda que, na prática, orientações moralistas a respeito de uniões homoafetivas e participação das mulheres na hierarquia da instituição, por exemplo, sigam sendo bastante restritivas. ●

Referências

ANÚNCIO Papa Francisco (Conclave 2013). *Youtube* [on-line] [Canal Destrave Canção Nova, 2014]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4-u76WYRtYU>. Acesso em: 29 out. 2022.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Catecismo da Igreja Católica*. Tradução: CNBB. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Código de Direito Canônico*. 11 ed. Tradução: CNBB. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*. 10 ed. Tradução: CNBB. São Paulo: CNBB, 2022.

DEMURU, Paolo. Imagens autênticas: corpo, contágio e fotografia política nos tempos do Instagram. *Discursos fotográficos*, Londrina, v. 16 n. 28, jan. a jun. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2020v16n28p203>. Acesso em: 02 fev. 2022.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

DISCINI, Norma. *Corpo e estilo*. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1999.

FLOCH, Jean-Marie. *Une lecture de Tintin au Tibet*. Paris: Presses Universitaires de Frances/PUF, 1997.

FONTANILLE, Jacques. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: DINIZ, Maria Lúcia Visotto Paiva; PORTELLA, Jean Cristtus (org.). *Semiótica e mídia – textos, práticas, estratégias*. São Paulo: UNESP/FAAC, 2008. p. 17-76.

FRANCISCO, Papa. Bênção apostólica Urbi et Orbi: Primeira saudação do Papa Francisco. *Vatican* [on-line]. Roma, 13 mar. 2013. Discursos. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html. Acesso em: 29 out. 2022.

FRANCISCO, Papa. Homilia do Papa na Santa Missa com os cardeais. *Vatican* [on-line]. Roma, 14 mar. 2013b. Discursos. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130314_omelia-cardinali.html. Acesso em: 29 out. 2022.

FRANCISCO, Papa. Santa Missa imposição do pálio e entrega do anel do Pescador para início do ministério petrino do bispo de Roma. Homilia do Papa Francisco. *Vatican* [on-line]. Roma,

- 19 mar, 2013c. Discursos. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130319_omelia-inizio-pontificato.html. Acesso em: 30 out. 2022.
- FRANCISCO, Papa. O futuro da fé: entrevista com o sociólogo Dominique Wolton. Trad. Pedro Sette-Câmara. Rio de Janeiro: Petra, 2018.
- FRANCISCUS. *Instagram* [on-line] Disponível em: <https://instagram.com/franciscus>. Acesso em: 23 mai. 2022.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica estrutural*. Trad. Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2002.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: EDUSP, 2014.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2016.
- HABEMUS PAPAM: Cadinale Luciani - Papa João Paulo I. *Youtube* [on-line] [Canal Católicos com muito orgulho, 2020]. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=fFvBnx_DTg8. Acesso em: 29 out. 2022.
- HABEMUS papam. *Paróquia São João Paulo II - Águas Claras*. [on-line]. 2022. Disponível em: <https://psjpii.org/portfolio/habemus-papam/>. Acesso em: 22 out. 2022.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- LANDOWSKI, Eric. Diferença e variação: um encontro permitido, uma articulação necessária. In: LANDOWSKI, Eric; OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.). *Caderno de Discussões do IX Colóquio do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*. São Paulo: Edições CPS, 2003.
- LANDOWSKI, Eric. Flagrantes delitos e retratos. *Galáxia*, São Paulo, n. 8, p. 31-70, out. 2004.
- LANDOWSKI, Eric. Modos de presença do visível. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.). *Semiótica plástica*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz: Hacker Editores/CPS, 2004. p. 97-112.
- LANDOWSKI, Eric. *Passions sans nom*. Paris: Presses Universitaires de France/PUF, 2004b.
- LANDOWSKI, Eric. *Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2005.
- LANDOWSKI, Eric. La politique-spectacle revisitée: manipuler par contagion. *Versus*, 107, 2008.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- LANDOWSKI, Eric. Shikata ga nai ou Encore un pas pour devenir vraiment sémioticien ! *Lexia*, n. 11-12, p. 45-70, 2012.

LANDOWSKI, Eric. *Interações arriscadas*. Trad. Luiza Helena da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

LANDOWSKI, Eric. *Antes da interação, a ligação*. Trad. Murilo Scoz, Yvana Fechini e Luiza Helena de Oliveira da Silva. São Paulo: Documento de Estudo/Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2019.

MISSA de início de Pontificado de Francisco - íntegra homilia. *Youtube* [on-line] [Canal The Vatican - PT Archive, 2014] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mmf5yea-FVM>. Acesso em: 30 out. 2022.

MOMENTOS DO PAPA Francisco, o argentino que chegou no Vaticano. *O Globo* [on-line]. Rio de Janeiro, 13 mar. 2013. Mundo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/momentos-do-papa-francisco-argentino-que-chegou-ao-vaticano-7829450>. Acesso em: 29 out. 2022.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. Sentido e qualidades sensíveis: plásticas, rítmicas, estéticas. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.). *Sociossemiótica II: sentido, estesia, gosto*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2021.

PALAVRAS do Padre Paulo Ricardo sobre a renúncia do Papa Bento XVI. *Suma teológica*. [on-line]. [S.l.], 11 fev. 2013. Disponível em: <https://sumateologica.wordpress.com/2013/02/11/palavras-do-padre-paulo-ricardo-sobre-a-renuncia-do-papa-bento-xvi/>. Acesso em: 29 out. 2022.

PAPA FRANCISCO diz que daria um soco em quem ofendesse sua mãe. *Correio Braziliense* [on-line]. Brasília, 16 jan., 2015. Mundo. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2015/01/16/interna_mundo,466733/papa-francisco-diz-que-daria-um-soco-em-quem-ofendesse-sua-mae.shtml. Acesso em 29 out. 2022.

PEVERINI, Paolo. *A presença do Papa Francisco*. Anotações pessoais a partir de palestra oral proferida via Google Meet, no dia 1 de dezembro de 2021, durante a realização do XXVII Colóquio do CPS: [s.n.], 2021.

SEDDA, Franciscu. *Imprevedibile Franciscus*. In: LORUSSO, Ana Maria; PEVERINI, Paolo (org.). *Il racconto di Francesco: la comunicazione del Papa nell'era della connessione globale*. Roma: Luiss University Press, 2017.

TATIT, Luiz. *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ateliê, 2010.

TATIT, Luiz. *Passos da semiótica tensiva*. São Paulo: Ateliê, 2019.

VIAGEM apostólica a Chipre e à Grécia (2 - 6 de dezembro de 2021). *Vatican* [on-line]. Roma, 2-4 dez. 2021. Eventi. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/photogallery/pt/eventi/cipro-grecia2021.html>. Acesso em: 29 out. 2022.

ZILBERBERG, Claude; FONTANILLE, Jacques. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso editorial: Humanitas/FFLCH-USP, 2001.

ZILBERBERG, Claude. As condições semióticas da mestiçagem. In: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati Eliana (org.). *O olhar à deriva: mídia, significado e cultura*. Trad. Ivã Lopes e Luiz Tatit. São Paulo: Annablume, 2004. p. 71-101.

ZILBERBERG, Claude. *Razão e poética do sentido*. Trad. Ivã Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: EDUSP, 2006.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. Ivã Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: EDUSP, 2011.

ZILBERBERG, Claude. *La estructura tensiva*. Trad. Desiderio Blanco. Lima: Universidad de Lima/ Fondo Editorial, 2015.

ZILBERBERG, Claude. Síntese da gramática tensiva. Trad. Luiz Tatit e Ivã Lopes. *Significação*, São Paulo, n. 25, p. 165-204, 2016.

The sensitive in Pope Francis' persuasive work

 ALVES, Rafael

Abstract: With the advance of hate speech, the dissemination of fake news, and the valorization of economic interests even in interpersonal relationships, the presence of Pope Francis draws attention, mobilizing regimes of truth and belief based on the construction of collective belonging and sensitive adherence to his values. We are interested in understanding how this body is constructed both from the point of view of the plane of expression - with its circular forms - and from the point of view of the plane of content - with its discursive strategies that blur the boundaries between enunciator and enunciatee, figurativized in religious discourse as pastor and the faithful. Articulating the tensive figures (ZILBERBERG, 2011) to the ellipsis paths of interaction regimes (LANDOWSKI, 2014), the present study analyzes a set of discourses by and about Francis to understand how the mobilization of the sensitive occupies a central position in the strategies of the Argentine Pope's persuasive action. Our hypothesis is that Pope Francis shifts the construction of the sacred as dogmatic truth to that of the sacred as sensitive and collective living and sharing of a faith that must transform power relations in society.

Keywords: Pope Francis; socio-semiotic; tensive semiotic; authenticity; *ethos*.

Como citar este artigo

ALVES, Rafael. O sensível no fazer persuasivo do Papa Francisco. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18, n. 2. São Paulo, agosto de 2022. p. 193-215. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

ALVES, Rafael. O sensível no fazer persuasivo do Papa Francisco. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18.2. São Paulo, August 2022. p. 193-215. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 21/01/2022.

Data de aprovação do artigo: 26/05/2022.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.
This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

